



## ESTÉTICA E POLÍTICA EM MACHADO DE ASSIS

Patrick Pessoa\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[pessoap@iis.com.br](mailto:pessoap@iis.com.br)

**RESUMO:** Os recentes escândalos envolvendo o Partido dos Trabalhadores (PT), eleito em 2002 como o partido da esperança, abalaram a crença de muitos de seus antigos militantes na possibilidade de uma ação política efetivamente transformadora das desigualdades sociais brasileiras. A obra de Machado de Assis, erroneamente considerado um escritor conservador, aponta alguns caminhos para a superação dessa melancolia que atualmente ameaça a esquerda do país. A partir de uma análise de suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o objetivo deste artigo é problematizar as possíveis origens e corolários da melancolia política brasileira.

**ABSTRACT:** The political crisis involving the Brazilian Labour Party (PT), whose rise to power in 2002 was taken as a hope by many of its old-school members, shattered down their belief in an effective political action that could change the old social inequalities in Brazil. Machado de Assis' work, which is wrongly labeled as conservative, might show a path toward the overcoming of the present melancholy that threatens the Brazilian left-wing. Through an analysis of Machado's classic novel *Confessions of a small time winner*, this paper aims to discuss the possible origins and consequences of the Brazilian political melancholy.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis – Fenomenologia – Roberto Schwarz

**KEYWORDS:** Machado de Assis – Phenomenology – Roberto Schwarz

Este trabalho pretende ser uma reflexão sobre a possibilidade de uma ação política efetivamente transformadora após os últimos escândalos, em torno do dito “mensalão”, envolvendo o Partido dos Trabalhadores, que, tendo sido eleito como o partido da esperança, e talvez mesmo da última esperança, tende a levar consigo, em seu ocaso, a própria crença de que uma ação política transformadora seja possível.

A estrutura do movimento de ascensão e queda do PT não é muito distinta da estrutura das antigas tragédias gregas. O herói trágico, que precisa necessariamente ser um mortal como os demais, alcança, depois de uma árdua luta contra forças que aparentemente lhe eram muito superiores, a posição mais elevada dentro da hierarquia

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

social, como nos casos de Édipo e Lula. Depois de um breve período de plena felicidade, a tragédia se configura quando o herói se dá conta de que, apesar de sua firme intenção de não cometer os erros a que estava predestinado, ele acaba de qualquer jeito por cometê-los. A tragédia, nessa concepção tradicional, alcança o ápice no momento que Aristóteles chamava de “momento do reconhecimento”,<sup>1</sup> em que o herói se dá conta de que as estruturas que o próprio fato de sua ascensão havia aparentemente subvertido na verdade estiveram operantes ao longo de todo o seu percurso, determinando-lhe os passos sem que ele pudesse ter consciência disso. Assim como Édipo, nesse momento, aparece a si próprio como uma marionete do Destino, ou, numa chave de interpretação psicanalítica, de seus desejos inconscientes, Lula, hoje, aparece como a marionete de uma estrutura política, social e econômica que só ratificou o seu poder ao permitir que esse ex-operário chegasse a ocupar a presidência da República.

A questão com a qual a queda do PT irremediavelmente nos confronta é a seguinte: se nem mesmo Lula e os partidos de esquerda aglutinados em torno do PT foram capazes de alterar as estruturas seculares que respondem pela desigualdade social no Brasil, se até mesmo um partido de esquerda, para chegar ao poder e exercer o poder, precisou se “endireitar”, reproduzindo as mesmas velhas práticas que sempre combateu, será que o Brasil está fadado a ser o “país do passado” que sempre foi, um país escravocrata dominado por uma pequena elite que só se ocupa em perpetuar os seus antigos privilégios? Se mesmo figuras quase míticas da resistência ao poder constituído sucumbiram diante desse mesmo poder no momento em que o tiveram nas mãos, será que alguém é capaz de efetivamente transformar o que quer que seja? Em suma: até que ponto podemos superar essa melancolia que, como uma nova peste, ameaça arrastar-nos todos à convicção niilista de que nada muda nada, à convicção de que nenhuma ação política racionalmente articulada tem o poder de alterar substancialmente as estruturas seculares de nosso país?

A superação dessa melancolia, dessa “contração cadavérica”<sup>2</sup> que já começa a se insinuar nos rostos de tantos militantes de esquerda, hoje paralisados pela

---

<sup>1</sup> Cf. Aristóteles, **Poética**, 1452a: “O ‘Reconhecimento’, como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou para a desdita. A mais bela de todas as formas de Reconhecimento é a que se dá juntamente com a Peripécia [a mutação dos sucessos no contrário], como, por exemplo, no *Édipo*”.

<sup>2</sup> Cf. ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. LXXI. (Tendo em vista a enorme quantidade de diferentes edições deste clássico de nossa literatura, as referências às *Memórias póstumas de Brás Cubas* trarão indicado apenas o número do capítulo do qual se extraiu a citação.).

desesperança, é uma de nossas principais tarefas. Curiosamente, porém, essa tarefa não é nova, e, ainda que por motivos distintos, embora menos distintos do que deveriam ser, já se apresentava como a principal tarefa de nosso maior romancista do século XIX, Machado de Assis.

As suas *Memórias póstumas de Brás Cubas* podem ser lidas como um romance policial, no qual a missão do detetive, ou melhor, do leitor, é encontrar a fórmula do “emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”,<sup>3</sup> que Brás Cubas teria descoberto dias antes de morrer, mas que, para a infelicidade dele, que não chegou a alcançar a celebridade que a invenção desse emplasto certamente lhe proporcionaria, acabou por levar para o túmulo. A minha hipótese de leitura é a de que a maior herança deixada pelo defunto autor a seus filhos é a fórmula desse emplasto, que, se não nos foi legada diretamente, o que privaria o livro daquele interesse que responde pelo fato de os romances policiais encabeçarem sempre as listas de *best-sellers*, encontra-se escondida ao longo da narrativa, que Brás Cubas, no tom provocativo que lhe é peculiar, construiu de modo a deixar pistas, algumas verdadeiras e outras falsas, para serem encontradas e articuladas pelo seu leitor-ideal, o leitor-detetive.

A questão que orientará o restante deste trabalho é, portanto, detetivesca: onde, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, podemos encontrar esse miraculoso emplasto anti-hipocondríaco, necessário à superação dessa melancolia para a qual os últimos escândalos políticos nos arrastaram? Que pistas devemos perseguir e que pistas devemos reputar apenas ilusórias? Como devemos proceder à nossa investigação?

O primeiro passo a dar, e talvez mesmo o mais fundamental, não é difícil de estabelecer. Assim como, na elucidação de um crime, é preciso descobrir os motivos do criminoso, também aqui é preciso estabelecer quais teriam sido as razões que motivaram Brás Cubas a criar o seu emplasto. A mais superficial nos é apontada pelo próprio Brás: “De um lado”, escreve ele, “filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória”.<sup>4</sup> Tais motivos, embora convincentes, não são concludentes, afinal bem sabemos a opinião que Brás tinha da filantropia – “o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado”<sup>5</sup> – e também sabemos que, ao morrer, ele ainda dispunha de grossos cabedais. Quanto à sede de nomeada, é certo que

---

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. II.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Ibid., cap. CXLIX.

ele nunca conseguiu matar, mas, como ele deixa bem claro ao longo da narrativa, e as revistas “Caras” de hoje em dia continuam a deixar claro, qualquer ação, por mais insignificante que seja, já serve a aplacar essa sede, de modo que nem o prazer do filantropo, nem o lucro do capitalista, nem a glória do narcisista explicam por que ele teria se empenhado na invenção de um medicamento tão específico e tão importante como o emplasto anti-hipocondríaco.

Por esses motivos, e tendo em vista a sua filosofia da ponta do nariz, segundo a qual “há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo”,<sup>6</sup> é forçoso deduzir que um egoísta como Brás Cubas só poderia se empenhar na invenção de um remédio se o doente fosse ele. Esse raciocínio nos leva a concluir que o próprio Brás Cubas é que sofria de melancolia. Esse fato, aliás, nos é confessado explicitamente na nota ao leitor com que Brás abre sua obra – “Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio”.<sup>7</sup> – e confessado implicitamente no célebre capítulo final “Das Negativas”,<sup>8</sup> onde ele nos relata tudo o que não foi e não fez, dando a entrever uma vida marcada por aquela paralisia que é típica dos temperamentos melancólicos.

A confissão explícita da própria melancolia com que Brás Cubas abre o livro, além disso, já nos dá uma indicação da natureza dessa doença, que é preciosa para a compreensão da forma específica que a melancolia assume no Brasil, do Segundo Reinado até os dias atuais. A melancolia, no caso do brasileiro (Brás), não pode ser pensada independentemente da ironia, dessa galhofa que Brás Cubas afirma ser o princípio formal de seu livro. Isso significa que, em nossa investigação, só poderemos chegar a descobrir em que consiste a fórmula do emplasto anti-melancólico de Brás Cubas se entendermos as causas desse tipo especificamente brasileiro de melancolia que o emplasto Brás Cubas tinha como função curar, se, portanto, formos capazes de determinar com mais clareza qual é a natureza da relação entre melancolia e ironia.

Um indício valioso para se pensar essa relação, e, em certo sentido, a obra machadiana como um todo, vem de uma célebre sentença de Bertolt Brecht, que tanto poderia ter sido leitor de Machado de Assis quanto espectador das últimas operetas protagonizadas por Roberto Jefferson. Escreve Brecht: “Viver em um país sem senso de

---

<sup>6</sup> ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. XLIX.

<sup>7</sup> Ibid., “Nota ao leitor”.

<sup>8</sup> Ibid., cap. CLX.

humor é insuportável, mas viver em um país onde é preciso ter senso de humor é pior ainda”.

Estabelecida a motivação de Brás Cubas, curar a si próprio, é interessante que agora procedamos aristotelicamente, investigando as causas de sua melancolia para melhor determinar a natureza dessa doença. Lendo nas *Memórias póstumas* sobre a infância e a adolescência de Brás, fica claro que, nesse primeiro período de sua vida, ele foi superlativamente ativo. Quando criança, foi um “menino diabo”,<sup>9</sup> que não se cansava de pregar peças nos pais e sobretudo nos escravos: açoitava impiedosamente o moleque Prudêncio, que fazia de mula; chegou uma vez a quebrar a cabeça de uma escrava que lhe negara um doce; e, num típico jantar da “antenada” elite nacional para comemorar a queda de Napoleão, um dos episódios mais grotescos do livro, revela a todos uma cena de adultério que presenciara escondido atrás de uma moita. Quando adolescente, por sua vez, apaixonou-se perdidamente por uma prostituta espanhola, aquela mesma Marcela que o amou “durante quinze meses e 11 contos de réis”,<sup>10</sup> tendo chegado mesmo a dilapidar o patrimônio familiar para alimentar sua paixão. Essa imprudência acabou custando-lhe o exílio na Universidade de Coimbra, para onde seu pai enviou-o na esperança de refrear seu ardor por Marcela, mas, como também por lá havia outras Marcelas, ele pouco cuidou dessa perda e tratou de aproveitar a vida de sul-americano rico na Europa.

Essa pequena nota biográfica nos leva a concluir o seguinte: a melancolia de Brás, para desespero dos positivistas e geneticistas sempre de plantão, não é uma doença inata. Sua causa deve ser procurada em algum episódio traumático de sua vida, seja ele de ordem pessoal, o que é mais provável em um adepto da “filosofia da ponta do nariz”,<sup>11</sup> seja de ordem política, o que deixaria esse homem que viveu há cento e cinquenta anos excessiva e melancolicamente próximo de nós.

A minha hipótese é a de que a origem da melancolia de Brás Cubas se deixa reportar a um episódio bastante específico de sua vida, a morte de sua mãe. Nesse episódio nasceu nele o sentimento do absurdo que não mais o abandonaria, e que, posteriormente, só se foi enraizando mais e mais profundamente até contaminar todos

---

<sup>9</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. XI.

<sup>10</sup> *Ibid.*, cap. XVII.

<sup>11</sup> Cf. nota 6.

os níveis de sua existência, incluindo naturalmente a sua percepção da estrutura social e política do Brasil.

Brás curtia a vida de *playboy* brasileiro na Europa quando recebeu um telegrama de seu pai dizendo-lhe que voltasse logo à casa, que sua mãe estava no leito de morte. Ele voltou e o pai recebeu-o com lágrimas.

– Tua mãe não pode viver – disse-me. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era um cancro no estômago. A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando róí, róí; roer é o seu ofício. [...]

– Meu filho!

A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiu o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos o rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; disse-mo; verificamo-lo na seguinte manhã.

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a idéia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de coisas antigas – a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. Quê? uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim tratada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano...

Triste capítulo; passemos a outro mais alegre.<sup>12</sup>

A consciência da disparidade entre a vida e a morte de sua mãe, da incoerência entre as ações por ela realizadas e o resultado dessas ações, um cancro no estômago que a corroeu lenta e dolorosamente, com aquela indiferença da Natureza às virtudes humanas que a Brás parece absurda, incompreensível, insuportável, é o ponto de partida de sua melancolia, o tema que será repetido monotonamente ao longo do restante de sua narrativa. Desse capítulo triste, ele não mais conseguirá sair.

---

<sup>12</sup> ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. XXIII.

A primeira prova disso é muda: ao passar ao capítulo mais alegre que promete ao leitor no final do capítulo sobre a morte da mãe, ele narra a sua vida na Europa, ou seja, o período anterior à morte da mãe. Capítulos alegres posteriores a esse acontecimento, simplesmente não os há, sendo este um dos principais pontos de contato entre Brás Cubas e Proust. Para ambos, “os únicos verdadeiros paraísos são aqueles que perdemos”.<sup>13</sup>

Isso não significa, entretanto, que lhe faltem alegrias, mas elas ou bem são conspurcadas pela consciência de que logo passarão, como no romance clandestino que muito mais tarde Brás teria com Virgília, ou bem são o consolo amargo do melancólico que, impotente diante de um mundo que não chega a compreender e muito menos a aceitar, tem como último recurso uma ironia corrosiva que, ao transformar mesmo as ações mais imorais e corruptas em ações apenas naturais, goza jeffersonianamente com a consciência de um estado de coisas que, se não lhe permite fugir ao jugo do que ele chama de Natureza com N maiúsculo, permite-lhe ao menos justificar a sua própria falta de ética e ainda assim sentir-se superior aos demais mortais, que se tornam tanto mais ridículos quanto menos percebem a falta de valor de seus valores, e tanto mais risíveis quanto menos se dão conta da verdade metafísica de que Brás se fará incansável portavoz.

A filosofia metafísica defendida por Brás nos é apresentada sistematicamente no capítulo do “Delírio”,<sup>14</sup> em que ele tenta justificar ontologicamente e universalizar a verdade de sua melancolia, e defende a tese de que a transitoriedade do tempo e a finitude da existência privam todas as ações humanas de seu sentido e de seu valor, condenando o homem a ser um mero brinquedo nas mãos da Natureza que, mãe e inimiga, lhe dá a vida apenas para poder lhe dar a morte. Essa compreensão de vida como morte é defendida no livro quantitativamente, como uma espécie de mantra: ocorrem vinte mortes biológicas ao longo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sem contar todas as pequenas mortes simbólicas, que se identificam aos fracassos de Brás em casar com Virgília, em conseguir uma cadeira no Parlamento, em alcançar a celebridade e, naturalmente, em trazer a público o seu emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.

---

<sup>13</sup> PROUST, apud CAMUS, A. *Le mythe de Sisyphus*. Paris: Gallimard, 1942, p. 131.

<sup>14</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. VII.

A estratégia retórica de Brás para nos convencer da verdade de sua filosofia é poderosa, à medida que ele nos dá a sua própria vida como exemplo, narrando-a de forma a ressaltar que fez de tudo para, após a morte de sua mãe, voltar ao mundo dos vivos, ao mundo da ação. Assim, finado o período de luto, em que ele renunciara a tudo, conta-nos como logo se apaixonou por uma moça de nome Eugênia, que, apesar do nascimento obscuro, seria uma boa esposa. Tudo ia bem até que, em um passeio, ele notou que ela mancava um pouco e perguntou se havia machucado o pé, ao que ela respondeu: “Não, senhor, sou coxa de nascença”.<sup>15</sup> A reflexão que vem em seguida, e que lhe atira de volta à paralisia costumeira, é a melhor síntese da compreensão da existência humana que já se lhe havia impresso no espírito. Escreve ele, referindo-se em parte a Eugênia, em parte à vida: “Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?”<sup>16</sup>

Depois desse episódio, Brás, ainda tentando nos convencer de que não sucumbira à melancolia, decide se casar com Virgília, a noiva escolhida por seu pai, cujo dote seria uma cadeira no Parlamento. No momento em que ele está a caminho para oficializar o pedido de casamento, porém, o seu relógio cai no chão, o tempo pára. Ele entra na lojinha mais à mão com o fito de consertá-lo, e depara com Marcela, a prostituta espanhola que fora seu grande amor de juventude. Dez anos passados, ele mal pode reconhecê-la: seguindo a mesma lógica do cancro de sua mãe e da coxidão de Eugênia, também a antiga paixão fora corroída pela vida. Em seu caso, pela varíola. A bela mulher de dez anos atrás era agora uma velha bexiguenta. Curiosamente, no momento desse reencontro, Brás mal acusa o golpe, que seria uma bela confirmação da verdade inebriante exalada pela “flor amarela e mórbida da melancolia”<sup>17</sup> que ele já trazia presa à lapela do espírito desde a morte de sua mãe.

Mas a sua sege que, como no sonho de Isak Borg no prólogo de “Morangos silvestres”, filme de Ingmar Bergman, lhe dava a impressão de não mais andar, tendo ficado paralisada entre a loja de Marcela e a casa de Virgília, foi o presságio do que estava para lhe ocorrer. Ao finalmente chegar à casa de sua futura esposa, era tarde demais. Escreve o defunto autor, em um capítulo intitulado “A alucinação”:

De repente, morre-me a voz nos lábios, fico tolhido de assombro. Virgília... seria Virgília aquela moça? Fitei-a muito, e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei a vista. Tornei a olhá-la. As

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. XXXII.

<sup>16</sup> *Ibid.*, cap. XXXIII.

<sup>17</sup> *Ibid.*, cap. XXV.

bexigas tinham-lhe comido o rosto; a pele, ainda na véspera tão fina, rosada e pura, aparecia agora amarela, estigmada pelo mesmo flagelo que devastara o rosto da espanhola. Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos; tinha o lábio triste e a atitude cansada. Olhei-a bem; peguei-lhe na mão, e chamei-a brandamente a mim. Não me enganava; eram as bexigas. Creio que fiz um gesto de repulsa.<sup>18</sup>

Creio que esses exemplos terão sido suficientes para explicitar o mecanismo inconsciente que caracteriza a melancolia de Brás Cubas e subjaz a toda a sua narrativa. Ele consiste basicamente na projeção do passado sobre o futuro, ou, se se preferir, da morte sobre a vida. Brás Cubas não suporta a sua consciência da finitude da existência humana, e, projetando-a sobre todas as ações que é chamado a realizar, acaba por julgá-las igualmente insignificantes, vendo-se conseqüentemente impossibilitado de investir no que quer que seja. Se, raciocina ele, tudo está sujeito ao “enxurro perpétuo”<sup>19</sup> que é a vida; se todas as ações, as boas e as más, estão fadadas à mesma lei inexorável da transitoriedade; se a morte encontra a tudo e a todos, não importa o que façam; se a beleza sempre passa, “como um dia de verão”;<sup>20</sup> se, finalmente, “em toda felicidade presente há sempre uma gota da baba de Caim”;<sup>21</sup> por que investir no que quer que seja? Por que agir, se nenhuma ação humana pode alterar a face impassível da Natureza com N maiúsculo, se nenhuma transformação garantirá a estabilidade que o homem tanto anseia, a recompensa final, o equilíbrio, o ócio? Por que agir, se toda ação humana permanecerá sempre imperfeita, inacabada, não podendo atingir os fins a que se propõe senão por acaso, e, de qualquer modo, exigirá sempre novas ações que, também imperfeitas e inacabadas, exigirão novas ações, e assim por diante, umas corrigindo as outras, “até a edição final, que o editor dá de graça aos vermes?”<sup>22</sup>

De acordo com o filósofo Brás Cubas, a única resposta coerente com a consciência da finitude humana é a recusa em compactuar com uma existência que não é como deveria ser, é simplesmente não agir, não viver. Essa resposta é dramatizada ao longo de suas memórias póstumas, e justifica não apenas o capítulo final “Das negativas”, coroado por seu regozijo em não haver transmitido “a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”,<sup>23</sup> como constitui, na minha opinião, a explicação mais realista

---

<sup>18</sup> ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. LXI.

<sup>19</sup> Ibid., cap. LXXXVII.

<sup>20</sup> Ibid., cap. XXIII.

<sup>21</sup> Ibid., cap. VI.

<sup>22</sup> Ibid., cap. XXVII.

<sup>23</sup> Ibid., cap. CLX.

para a questão do “defunto autor”.<sup>24</sup> Brás Cubas não é um defunto autor, porque, como nos quer fazer crer, escreve suas memórias do outro mundo, mas sim porque, como autor, narra a vida de um defunto, de um homem que não viveu, que, por medo da morte, chame-se-lhe hipocondria ou melancolia, viveu como um morto, como um defunto.

Essa interpretação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que a melancolia aparece como o corolário necessário de uma visão esclarecida, ou filosófica, ou privilegiada da Natureza e da condição humana, ameaça encerrar as nossas investigações sobre a fórmula do emplasto anti-hipocondríaco que Brás Cubas teria inventado poucos dias antes de morrer de forma abrupta e, por que não, melancólica. Se ela for mesmo verdadeira, seremos forçados a concluir que, ao contrário do que esperávamos, Brás Cubas morreu antes de inventar o emplasto, de modo que estaríamos condenados a permanecer eternamente hipocondríacos, e a nossa reflexão sobre a obra machadiana em nada nos poderia ajudar na superação dessa melancolia para a qual os últimos escândalos políticos nos têm arrastado.

Felizmente, porém, há uma outra linha de investigação que ainda não trilhamos. Ela foi inaugurada pelos dois admiráveis estudos sobre a obra machadiana publicados por Roberto Schwarz<sup>25</sup> a partir da década de 1970. Inspirado por Marx e mais imediatamente por Adorno, Schwarz chama a atenção para o fato de que em hipótese alguma devemos confundir o autor Machado de Assis e o personagem Brás Cubas.

Para esse crítico, o fato de Machado de Assis ter construído um narrador-personagem que se vale da filosofia ora como instrumento para justificar as suas práticas sociais moralmente insustentáveis, ora como fonte de gozo narcísico, é a evidência de que a mania filosofante de Brás Cubas só deve ser levada a sério na medida em que serve ao propósito machadiano de tornar patente o caráter eminentemente contraditório da ideologia da elite brasileira de seu tempo, que se por um lado pregava os ideais liberais correntes na Europa, por outro dependia, para a perpetuação de seus privilégios, de um sistema econômico escravocrata e de um sistema social e político aristocrata que era a antítese perfeita daqueles mesmos ideais que

<sup>24</sup> ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**, cap. I.

<sup>25</sup> Cf. SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. E também: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

teoricamente defendia. A melancolia de Brás Cubas, sob essa ótica, não deveria de forma alguma ser tomada como um corolário necessário de sua descoberta metafísica da finitude do homem e do absurdo da existência, mas tão somente como a expressão da ideologia de uma classe social que buscava fundamentar metafisicamente a impossibilidade de mudanças sociais e políticas que pudessem colocar em risco os seus privilégios.

A tese de Schwarz, em suma, é a de que o livro teria sido escrito contra o seu narrador-personagem e a classe social à qual pertencia, e que seu objetivo, a sua função política, seria a de subverter a consciência de seus leitores, isto é, da elite nacional, que, ao se enxergar nessa obra como em um espelho, veria o quão pouco as suas práticas e a sua filosofia se distanciavam das do imoral Brás Cubas. A grandeza da obra machadiana, de acordo com essa chave de leitura, seria a de haver exposto com tamanha precisão a contradição inerente à vida e ao pensamento das elites nacionais que, ao final da leitura, mais do que diante de uma aula de filosofia de qualidade duvidosa, o bom leitor que o narrador intruso machadiano sempre reivindica para si acabaria por se ver diante de uma exortação semelhante à do “torso arcaico de Apolo” a um atônito Rilke.

Escreve o poeta:

Não sabemos como era a cabeça, que falta,  
De pupilas amadurecidas, porém  
O torso arde ainda como um candelabro e tem,  
Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

E brilha. Se não fosse assim, a curva rara  
Do peito não deslumbraria, nem achar  
Caminho poderia um sorriso e baixar  
Da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera  
Pedra, um desfigurado mármore, e nem já  
Resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida  
Como uma estrela; pois ali ponto não há  
Que não te mire. Força é mudares de vida.<sup>26</sup>

A partir da interpretação de Schwarz, a fórmula do emplasto anti-hipocondríaco seria menos complicada do que nos pareceu à primeira vista. Por meio da obra de arte, as elites nacionais alcançariam a consciência da destrutividade da ideologia

---

<sup>26</sup> RILKE, Rainer Maria. Torso arcaico de Apolo. Tradução de Manuel Bandeira. In: BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 361.

de sua classe e, com base nesse esclarecimento, poderiam quem sabe esboçar um projeto racional de transformação das estruturas políticas e sociais do país que fosse verdadeiramente compatível com os ideais liberais que, até hoje, pelo menos no plenário da Câmara dos Deputados, defendem. Essa tese, porém, exige uma confiança na Razão e na possibilidade de transformação dos homens não muito distinta da que, no filme de João Moreira Salles sobre a sua campanha, Lula demonstrou com relação a José Sarney. Resta saber se a posição de Lula, derivada talvez de uma interpretação otimista da posição de Schwarz,<sup>27</sup> não seria utópica demais...

No âmbito de nossa discussão, ou melhor, de nossa investigação da fórmula do emplasto anti-hipocondríaco, Brás Cubas e Roberto Schwarz ocupam pólos opostos e mutuamente excludentes. Brás defende com unhas e dentes a verdade universal de sua melancolia, criando toda uma metafísica para justificá-la e oferecendo-nos a narrativa de sua própria vida como exemplo, ao longo da qual ele se esforça por nos convencer de que a finitude do homem e a indiferença da Natureza a nossas realizações confere a todas as nossas ações uma imprevisibilidade, uma incompreensibilidade e uma fragilidade que seriam incompatíveis com qualquer projeto racional de transformação social. Schwarz, por outro lado, defende que a única verdade da melancolia de Brás não tem nenhuma raiz metafísica, mas reside única e exclusivamente em sua função ideológica, sendo mais uma das expressões do velho esforço conservador por identificar Natureza e Cultura, para assim legitimar a naturalidade e imutabilidade dos privilégios sociais das elites. Sob a ótica de Brás, a pena da galhofa serve apenas para garantir traços fortes e bojudos à tinta da melancolia, o que explicaria o seu amor pela caricatura. Sua ironia serviria apenas para corroer de uma vez por todas qualquer esperança de mudança. Sob a ótica de Schwarz, por outro lado, a ironia do autor Machado de Assis não se confunde com a de Brás Cubas, e consiste em dar voz a um membro da elite nacional, para, a partir das contradições inerentes ao seu discurso,

---

<sup>27</sup> Aqui é preciso fazer uma ressalva que salvguarde a complexidade da posição de Schwarz, que eu, dada a lógica interna e a extensão deste texto, precisei negligenciar. Para Schwarz, “Machado inventou uma forma capaz de exibir na sua extensão a destrutividade da conduta de nossa elite, embora sem trazer propostas de reforma”. (In: SCHWARZ, Roberto. **Seqüências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 224.). Isso significa que seria errôneo atribuir ao próprio Schwarz qualquer otimismo com relação à possibilidade de a obra de arte, por si só, indicar os caminhos para a transformação da realidade sociopolítica. De qualquer modo, ao denunciar o nihilismo de Brás Cubas como uma consequência da ideologia de sua classe social, Schwarz pelo menos deixa aberta a possibilidade de uma apropriação da obra machadiana por forças distintas daquelas que Brás Cubas representa e, nesse sentido, não prega, como os conservadores de plantão, o fim das utopias.

desmascarar as estratégias de dominação das elites de outrora e de agora, dentre as quais a afirmação da verdade universal da melancolia ocupa um lugar proeminente. Por um lado, a melancolia é a mãe da ironia. Por outro, a ironia desmascara a melancolia como sentimento de burgueses alienados de suas próprias estratégias de dominação.

Entre o Machado de Assis conservador e o Machado de Assis revolucionário, eu gostaria de propor uma solução mais dialética. Por um lado, concordo com Schwarz em sua atribuição de uma função revolucionária à obra machadiana e em sua caracterização da melancolia de Brás como instrumento ideológico. Por outro, entretanto, acredito que o fato de Brás Cubas se valer da melancolia para defender os seus privilégios não invalida inteiramente a verdade trágica que ele professa. Como os últimos escândalos envolvendo o PT nos ensinaram, o poder das estruturas sociais e políticas vigentes, assim como o do velho Destino dos gregos ou o da Natureza com N maiúsculo de Brás, quase sempre ultrapassa o poder humano de intervenção racional na realidade. Isso significa que se Schwarz está certo em sugerir que a obra machadiana, como verdadeira obra de arte e, portanto, dotada de um caráter subversivo, é já ela própria, ao menos potencialmente, o emplasto anti-hiponcondríaco que Brás Cubas nos legou, parece-me que Brás Cubas também está certo quando chama a atenção para os limites do utopismo voluntarista e revolucionário a que a interpretação de Schwarz poderia conduzir, na medida em que tende a desconsiderar a irônica tragicidade da existência, reputando-a mero fruto da destrutividade da ideologia das elites nacionais.

Nesse sentido, o texto que nos foi legado por Brás Cubas, a despeito de sua ambígua confissão de fracasso, é ele mesmo o emplasto anti-hipocondríaco que pode aliviar a nossa melancólica humanidade. A função política das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como grande obra de arte que é, seria, portanto, a de resguardar os seus leitores tanto de um niilismo melancólico quanto à possibilidade de transformar o que quer que seja quanto de um utopismo descolado da complexidade das relações sociais vigentes, ensinando que o problema de abraçar um ou outro de forma não dialética está no fato de que a esperança desmedida e a desilusão niilista são duas faces de uma mesma moeda. De uma moeda que, como mais uma vez nos mostraram os últimos acontecimentos, não tem mais nenhum valor no mundo em que vivemos.